

SERRETA - LAGOINHA



É UM PERCURSO CIRCULAR de 6,8 km de extensão, feito na freguesia da Serreta, no flanco oeste da *Serra de Santa Bárbara*. Este maciço geológico, de origem traquítica, que acrescentou o terço ocidental terrestre à ilha, formou extensas escoadas e grandes depósitos de pedra-pomes que projetados na atmosfera cobriram as lavas, por vezes formando estratos de muitos metros de altura, como os que se observam nos taludes da *Ribeira do Além*, por onde irá passar na fase final deste percurso. Por vezes a saída rápida das lavas dos focos eruptivos, com as condições da atmosfera no momento, forçam o arrefecimento muito rápido da lava, vitrificando-a, dando origem à *obsidiana* (= vidro vulcânico), pedra negra de arestas aguçadas, visíveis em diversos pontos deste percurso, dispersas pelo chão ou misturadas na pedra-pomes dos taludes. A *obsidiana*, usada pelo povo Maia para fazer facas para sacrifícios, é hoje utilizada como lâmina de corte em cirurgias, em artesanato e ourivesaria (é uma pedra semipreciosa), nomeadamente na joalheria regional, e em artefactos terapêuticos e esotéricos. Ficou imortalizada na *Guerra dos Tronos* como o “Vidro de Dragão”, único material capaz de destruir os mortos-vivos *White Walkers*. Pode ainda levar de recordação uma *pedra-pomes*, uma rocha que flutua na água. Esta é uma zona de pastagens de altitude, que surgiram em consequência de arroteias realizadas há cerca de 5 décadas, algumas com recurso a máquinas. Nas divisões das parcelas observam-se louros (*Laurus azorica*), urzes (*Erica azorica*) e o cedro-do-mato (*Juniperus brevifolia*), a par das criptomérias sempre presentes.

A primeira parte do percurso é feita a subir, até atingir a *Lagoinha*. Comece por subir por um antigo caminho, em que o chão é um misto de terra e pedras. Olhando o mar atrás de si avista com nitidez a ilha de São Jorge, com a montanha da ilha do Pico por detrás. Em breve estará numa vereda no meio de matas de acácias, eucaliptos, cedros-do-mato e criptomérias, onde deixará de ver o sol, bloqueado por uma galeria de incensos (*Pittosporum undulatum*). No chão terroso e húmido crescem cerca de dez diferentes espécies de fetos e alguns estranhos cogumelos, entre os afloramentos rochosos forrados de musgos. Esta é uma vereda de chão bastante irregular, baixo em relação aos terrenos laterais, talhada pela circulação humana e animal e pelos fatores erosivos. Enquanto avançamos a subida torna-se mais íngreme e a vegetação com uma maior cobertura de espécies naturais.

Ouvimos por entre a vegetação a curiosa estrelinha, o melro-preto e pombos. O trilho fica mais suave e à sua esquerda uma linha de água cavou um pequeno vale repleto de grandes fetos, onde predomina o feto-do-botão (*Woodwardia radicans*). O chão, de bermas amareladas pelo musgão (*Sphagnum sp.*), cruza um pequeno afluente de uma ribeira, que raramente tem água, e entramos numa mata de imponentes criptomérias. Pelo caminho encontramos um pouco inesperadamente alguns pés de *Angelica lignescens* e de *Sanicula azorica*, espécies endémicas dos Açores, raras e preciosas.

Voltamos a subir, com as raízes a aflorar no chão do trilho, que adiante dão lugar às folhas das acácias que se espalham por todo o lado.

Texto:
Paulo Barcelos
CMAH

Fotos:
Paulo Henrique Silva
CMAH

Atualizado
a 15 agosto 2022

SERRETA - LAGOINHA



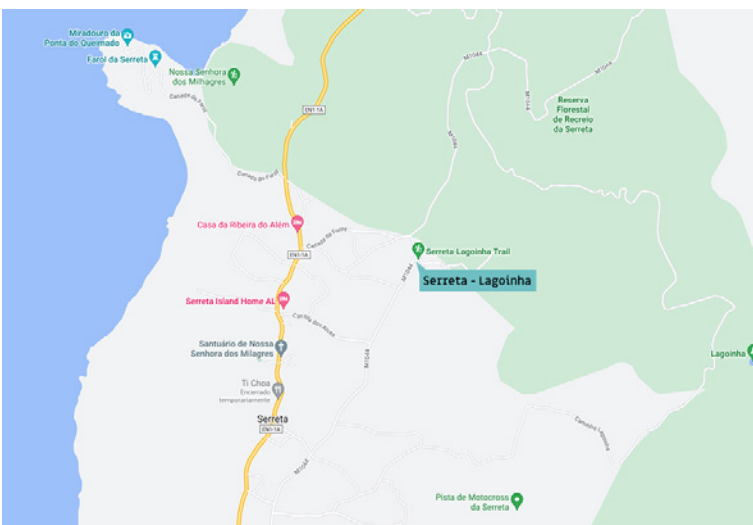
Surge a uva-da-serra (*Vaccinium cylindraceum*), os tamujos (*Myrsine africana*) e o folhado (*Viburnum treleasei*) com cachos de bagas acetinadas. Passamos junto de uma pequena mata de cedro-fino (*Chamaecyparis lawsoniana*) com o cheiro inconfundível que se liberta das folhas escamiformes dispostas em pequenos raminhos espalmados.

Uma subida de alguns minutos, com degraus formados por pequenos troncos, conduz-nos por um terreno de relevos acentuados pela erosão hídrica. Surgem as hortênsias que crescem por todo o lado. Chegamos a um caminho de terra, por onde só transitam veículos todo-o-terreno. Siga para a direita. Os lados deste caminho compõem-se de azevinhos (*Ilex perado ssp. azorica*), urzes, louros, folhados, cedros-do-mato, *Tolpis azorica*, *Potentilla erecta*, *Lysimachia azorica*, heras, musgão, *Woodwardia radicans*, *Osmunda regalis*, *Lycopodiella* e muitas outras espécies, formando perfeitas comunidades de montanha.

Uns bons metros depois encontra uma placa que sinaliza a subida ao cimo do *Pico da Lagoinha*, que nasceu no flanco da *Serra de Santa*



SERRETA - LAGOINHA



Serreta - Lagoinha
 38°45'19.6"N 27°21'18.3"W

<https://www.google.pt/maps>

Bárbara, por um atalho bastante erodido pela água que nele corre de Inverno e onde se sente a falta de mais degraus. Alguns troncos colocados ao longo da subida e degraus talhados no chão tentam resolver o problema do piso escorregadio e dos desníveis que há para vencer nesta subida. Faz-se, no entanto, em cerca de 10 minutos.

Já no cimo o atalho segue em direção ao marco geodésico, não sem antes encontrar pelo caminho um miradouro sobre a lagoa. No marco, olhando o mar, vê o derrame de lava que separa as povoações da Serreta (à esquerda) e do Raminho (à direita). Alinhando o olhar por 2 vértices deste marco, colocado aqui em 1951, deverá conseguir avistar sem problemas a ilha Graciosa.

Junto ao miradouro da *Lagoinha da Serreta* avista esta cratera de contornos quase perfeitos, com as suas águas límpidas. É pequena mas bonita pela envolveria geológica e posicionamento na encosta da serra. Mantém uma integridade enquanto ecossistema lagunar que a torna de grande importância para a vida selvagem, nomeadamente aves migratórias que por aqui passam. Está dentro da *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies do Planalto Central e Costa Noroeste*.

De regresso ao caminho vermelho, devido ao piso em bagacina, irá encontrar algumas linhas de água (afluentes da *Ribeira da Lapa*) e, mais adiante, um sinal a indicar que deve entrar na pastagem à sua direita, seguindo as marcas deixadas pelas rodas das viaturas para, 100 m depois, subir para o talude que faz a fronteira entre a pastagem e a vegetação natural. Durante os próximos passos vai acompanhar um dos braços da ravinosa *Ribeira de Além*. Aqui e ali, onde os espigos-de-cedro (*Arceuthobium azoricum*) crescem sobre o cedro-do-mato, abrem-se pequenas janelas na vegetação que permitem observar o profundo vale, desgastado pelo tempo e pela água até encontrar o manto rochoso que abrandou este processo. Esta é uma paisagem impressionante. O atalho junto à ribanceira acaba, enquanto se aproxima do *Pico Negrão*, onde o caminho que nos espera se transforma numa instável e alucinante descida, com o chão a resvalar frequentemente sob os pés. Felizmente, de quando em vez, aparecem alguns degraus que dão uma providencial ajuda. A meio dessa ladeira surge um miradouro que permite ver melhor, olhando para cima, o vale da *Ribeira de Além*. No fim desta descida um caminho leva o pedestriano de volta à viatura.